

Identidades em revista: hispanismo e hispanidad em *Cuadernos Americanos* e *Cuadernos Hispanoamericanos* — 1942-1955

Maria Antonia Dias Martins¹

Resumo: Este artigo procura mostrar de que forma a identidade ibero-americana foi discutida nas revistas *Cuadernos Americanos* (mexicana) e *Cuadernos Hispanoamericanos* (espanhola), no período de 1942 a 1955. Aborda também o debate realizado entre intelectuais que colaboravam nas duas revistas sobre os conceitos de *hispanismo* e *hispanidad* como elementos cruciais para entender essa comunidade que envolvia os dois lados do Atlântico.

Palavras-Chave: identidade ibero-americana, hispanismo, hispanidad.

Abstract: This article tries to understand how the Ibero-American identity was discussed in the magazines *Cuadernos Americanos* (Mexican) and *Cuadernos Hispanoamericanos* (Spanish) in the period 1942 to 1955. The text also examines the discussions by some intellectuals who collaborated in the magazines on the concepts of *hispanismo* and *hispanidad* as crucial to understand this community involving both sides of the Atlantic.

Keywords: Ibero-american identity, hispanismo, hispanidad.

A identidade latino-americana é um tema recorrente na historiografia especializada. Vários foram os momentos em que a discussão foi objeto de preocupação, sem que uma síntese definitiva pudesse ser construída. Segundo Eduardo Devés Valdés, esse tema foi dominante entre os intelectuais latino-americanos no século XIX, e continuou muito forte no século XX (DEVÉS VALDÉS, 2001).²

¹ Doutoranda no programa de História Social do departamento de História da FFLCH/USP. Pesquisa de doutoramento intitulada *Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos: A Identidade Ibero-americana em revista. 1942-1955*, que conta com o apoio financeiro do CNPQ. E-mail: mariaantonia.dm@uol.com.br

² Segundo o autor, identidade e modernização foram os dois grandes temas da América Latina no período em questão.

A importância do tema ultrapassa o espaço acadêmico e ganha destaque nos campos político e econômico. Em 1991, houve uma reunião em Guadalajara (México) que deu origem à *Cumbre Ibero-americana* com o objetivo de formar um grande grupo para enfrentar concorrências internacionais e impor-se economicamente no mundo globalizado. Nesse encontro, estiveram presentes representantes de 21 países ibero-americanos e, a partir dele, instituiu-se um fórum de discussão política sobre temas de interesse comum dos países participantes.

Através da “Carta de Guadalajara” foram definidos os propósitos desse grupo:

Com especial atenção temos nos reunido, pela primeira vez na história, para examinar de forma conjunta os grandes desafios com que se deparam nossos países num mundo em transformações. Propomo-nos acordar a vontade política de nossos governos para propiciar as soluções que esses desafios reclamam e converter o conjunto de afinidades históricas e culturais que nos unem em um instrumento de unidade e desenvolvimento baseado no diálogo, na cooperação e na solidariedade.³

Como se pode notar, o documento invoca as afinidades históricas e culturais dos participantes do grupo como elemento de sustentação desse projeto que visa a enfrentar conjuntamente um mundo em transformação.

As identidades são construídas a partir de diversas variáveis, sendo, privilegiadamente, estudadas e debatidas nos espaços acadêmicos. Nesse universo acadêmico, as revistas ganham destaque por representarem a oportunidade de divulgação de certos temas para um público maior. Elas permitem captar um momento em que as ideias ainda não estão acabadas e, portanto, são passíveis de alterações, cruzamentos, embates e, muitas vezes, pensamentos contraditórios.

O tecido discursivo das revistas pode ser visto como um laboratório de onde se experimentam propostas estéticas e posições ideológicas. Instrumentos da batalha cultural, as revistas se definem também pelo feixe de problemas que elegeram colocar em seu centro (ou o inverso, segundo os temas que passaram em silêncio) (SARLO, 1992, p. 14).

Ao mesmo tempo que operam como “laboratórios de ideias”, as revistas são o registro mais próximo do presente da escrita de determinado momento da cultura.

³ I Cumbre de la Conferencia Ibero-Americana. Guadalajara, México, 18 y 19 de Julio de 1991. *Declaración de Guadalajara*. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/daa/ibeadec.htm> . Acesso em 01 dez. 2009.

Se o seu espaço é a esfera pública, seu tempo, por excelência, é o presente. A revista intervém para deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro. Mas é essa vontade de presente o que a converte em um objeto histórico e passível de ser historiado (PATIÑO, 2009, p. 461).

A revista *Cuadernos Americanos* começou a circular no primeiro bimestre de 1942, e continua em atividade gozando de notável prestígio no meio acadêmico. Sua origem merece ser destacada, pois justifica determinadas posições que a revista tomou em relação ao tema aqui abordado dentro de um contexto político. Portanto, a revista é, aqui, considerada como um processo que se desenvolveu em certo marco político e cultural (KING, 1989).

Os seus fundadores eram renomados intelectuais mexicanos e espanhóis que, fugindo dos desdobramentos da Guerra Civil espanhola, receberam acolhida do governo do general Lázaro Cárdenas (1934-1940) no México.

Dentre estes, devemos citar Juan Larrea (espanhol), León Felipe (espanhol), Bernardo Oriz de Montellano (mexicano) e Jesús Silva Herzog (mexicano). *Cuadernos Americanos* nasceu do desejo desses homens em fazer uma revista de caráter continental, produto da estreita colaboração entre ibero-americanos e espanhóis, objetivando uma cultura mais universal, mais humana. Segundo LÉON-PORTILLA, ardia na mente de seus fundadores a preocupação em salvar e garantir a liberdade do homem e a continuidade da cultura, ambas perdidas na Espanha e ameaçadas seriamente em toda a Europa (LÉON-PORTILLA, 1995, p. 247).

Leopoldo Zea afirmou que, entre os espanhóis e a América, ocorreram dois grandes encontros: o primeiro em 1492 e o segundo em 1939. A diferença seria que, no último, os espanhóis não procuravam terras, nem escravos ou ouro. Os homens que chegaram ao século XX se negavam a renunciar a “velhos sonhos de liberdade igualitária” e esperavam encontrar em solo americano um conforto para seus ideais. A América deixava de representar um paraíso a ser explorado e passava a ser um refúgio àqueles que buscavam a construção de um projeto político alternativo (ZEA, 1992, p. 253).

Foram os hispano-americanos os primeiros a vencer a Espanha imperial e anacrônica. Essa era a independência que os espanhóis “transterrados”⁴ procuravam para o seu povo, não só para os que saíram da Península Ibérica, mas também para os que haviam ficado. Conforme José Gaos, a Espanha era a última nação hispano-americana que faltava libertar-se de si mesma (GAOS, 1942, p. 71).

Cuadernos Americanos simboliza esse segundo encontro, e, em suas páginas, podemos verificar uma postura de combate político na condenação a regimes como o de Franco na Espanha e os nazifascistas. Trata-se de uma publicação preocupada com seu tempo e com as questões políticas, culturais e sociais que afligem o mundo ibero-americano.

Não é possível falar da origem de *Cuadernos Americanos* sem citar outra publicação: *España Peregrina* — uma revista do órgão de difusão da Junta de Cultura Espanhola no Exílio, que deixou de existir por falta de recursos financeiros.⁵

As conversas que redundaram na fundação da revista foram narradas por Juan Larrea em uma carta sua a Jesus Silva Herzog em 1950. Nessa carta, Larrea revela que a sua intenção, ao procurar Herzog, era conseguir anúncios para a revista *España Peregrina*, já que Herzog, como funcionário do Ministério da Fazenda, poderia ajudá-lo. No entanto, tomaram outro rumo e o resultado foi a constituição de uma nova revista. Larrea não esconde o seu desejo, que era, na verdade, ter continuado com *España Peregrina*.⁶

Muitos estudiosos da revista mexicana defendem que *Cuadernos Americanos* constitui uma continuação de *España Peregrina*⁷ e, por isso, sua origem está intrinsecamente ligada aos espanhóis exilados e suas questões, como a defesa da liberdade, dos direitos sociais e da causa republicana. (GONZÁLEZ NEIRA, 2009, p. 15.)

⁴ Transterrados é um termo criado por José Gaos para designar a situação dos espanhóis exilados no México. Para ele, os espanhóis que haviam sido obrigados a abandonar sua terra natal (pátria de origem) encontravam no México (pátria de destino) espaço para continuar sua trajetória de defesa da liberdade de pensamento (GAOS, 1949).

⁵ *España Peregrina* publicou nove números no período de 1940 a 1941. O décimo número da revista (Despedida y tránsito) somente chegou a ser publicado em 1977 numa versão fac-similar.

⁶ Esta carta foi publicada na íntegra pela revista *Cuadernos Hispanoamericanos*, número 640, em outubro de 2003.

⁷ Ana González Neira faz um apontamento das posições de Adalberto Santana, Juan Manuel Díaz Guereño, Rosa Grillo e Ascensión Hernández de León Portilla, que partilham dessa opinião que relaciona *Cuadernos Americanos* como uma continuidade de *España Peregrina* (GONZÁLEZ NEIRA, 2009, p. 15).

No número de estreia (janeiro/fevereiro de 1942), Jesus Silva Herzog assinala que a grande preocupação deve girar sempre em torno do bem-estar do homem. Para ele, o problema da felicidade humana não é somente uma questão “exterior, como também interior”; é o que transcende todos os problemas, cuja solução está em conseguir fórmulas para harmonizar o homem com a natureza, com os demais homens e, sobretudo, o homem consigo mesmo.

A publicação desse número aconteceu no momento em que a II Guerra Mundial atingia proporções de destruição nunca vistas. Segundo Herzog, nem a Europa nem os EUA tinham condições de recordar ao mundo aquilo que era mais importante. Cabia, pois, à América, *La Nuestra America*, lembrar o que de fato era fundamental: o homem e seus valores autênticos.

Segundo Herzog, aquele era o momento em que a Ibero-américa tinha a chance histórica de deixar de ser coadjuvante nas decisões da história mundial para se tornar uma das protagonistas. Para o autor, quem quer que fosse o vitorioso da guerra tentaria dominar a América e sua população. Daí, apelar para aquilo que unia esses povos dos dois lados do Atlântico, na tentativa de construir uma saída digna ao impasse do momento.

Tenhamos consciência de nossas analogias históricas, das semelhanças em vários de nossos problemas; tenhamos consciência de nossa personalidade como nações que têm características próprias, porque unidos os da Ibero-américa em um propósito comum, com a eficaz colaboração intelectual dos espanhóis ilustres que têm encontrado asilo em nossas pátrias depois do desastre da República, nos será possível atualizar o sonho de Bolívar e influenciar, pela primeira vez de forma decisiva, no drama da história universal. (SILVA HERZOG, 1942).⁸

Herzog chama a atenção para as analogias históricas, as semelhanças dos problemas, as características comuns e próprias que tornam essas nações mais próximas entre si do que das europeias. É importante observar que Herzog, nesse número de abertura, faz referência à Ibero-américa, e não à Hispano-américa. Podemos inferir, então, que havia uma preocupação em incluir o Brasil.

Partindo daquilo que é comum, as nações ibero-americanas agiriam de forma decisiva na nova geopolítica mundial após a guerra. Os elementos comuns constituiriam

⁸ As citações reproduzidas neste texto traduzidas do espanhol para português são de própria autoria.

a força necessária para que os ibero-americanos se consolidassem no cenário internacional como independentes e, ao mesmo tempo, interlocutores de outras potências que saíssem vitoriosas do conflito. Ou seja, a identificação entre as nações ibero-americanas promoveria uma ação de inserção e consolidação no cenário mundial. As palavras-chave resultantes desse processo seriam *identificação, identidade e ação*.

A identificação de histórias e de problemas comuns ou próximos poderia produzir uma identidade que, unindo as diferentes nações num processo de superação das divergências, constituiria um somatório de forças encaminhadoras de ações em benefício da própria comunidade ibero-americana.

A resposta do outro lado do Atlântico: *Cuadernos Hispanoamericanos*

A revista *Cuadernos Americanos* de orientação republicana teve ampla aceitação e, portanto, grande circulação na América Latina. Por esse motivo, do outro lado do Atlântico, não tardou a aparecer uma resposta do governo nacionalista espanhol, que, para vencer o ostracismo a que fora relegado após a vitória dos Aliados, lançou mão de uma política hispanoamericanista. Essa política se concretizou a partir de um projeto cultural cujo objetivo era facilitar a aproximação dos espanhóis com os hispanoamericanos e, conseqüentemente, ampliar o apoio político ao governo de Franco.

Para a realização desse projeto cultural foi criado, em 1940, o *Consejo de Hispanidad* com a finalidade de propagandear o regime e a cultura hispânica, através da concessão de bolsas de estudos na Espanha a jovens hispano-americanos e da publicação de obras que enaltescessem a identidade hispânica. No que se refere à difusão da *hispanidad*, a propaganda deveria expressar continuidade e afinidade da Espanha franquista com a tradição católica, com a cultura do *Século de Ouro* e com as conquistas do passado Imperial.

Como os resultados obtidos pelo Consejo de Hispanidad foram modestos, os responsáveis pela política de aproximação entre Espanha e Hispano-américa criaram, no final de 1945, o Instituto de Cultura Hispânica⁹, através do qual montou-se um eficiente sistema de publicações voltadas para esse objetivo. Em princípios de 1947, ficou

⁹ Transformado em Instituto de Cooperación Iberoamericana no início da década de 1980.

definido que o trabalho editorial do Instituto se encarregaria da preparação de duas publicações periódicas: *Mundo Hispánico* — revista de grande circulação nacional — e *Cuadernos Hispanoamericanos* — publicação voltada para a integração Espanha/América Espanhola e também criada para rebater as críticas feitas ao franquismo em *Cuadernos Americanos*. (CAPELATO, 2005, p. 344-370)

O objetivo de *Cuadernos Hispanoamericanos* era atuar, ao mesmo tempo, como meio de sociabilidade e de propaganda do governo espanhol junto à América Latina. A revista, que significou uma tentativa de quebrar o bloqueio internacional buscando apoio entre os filhos da *Madre España*, enfatizava a *hispanidad*, ou seja, os tradicionais laços de afinidade entre os dois povos de origem comum. A valorização da identidade hispano-americana se prestava ao ocultamento de conflitos, confrontos e fissuras entre espanhóis e hispano-americanos, ocorridos tanto no passado quanto no presente, ainda marcado pela violência da Guerra Civil.

A revista espanhola, que começou a circular em 1948, continua sendo publicada até os dias de hoje. Seu fundador foi Pedro Laín Entralgo, intelectual erudito de formação humanística que esteve ligado ao grupo falangista.¹⁰ Entralgo dirigiu a revista no período de 1948 a 1951, sendo substituído por Luis Rosales (1951-1966). *Cuadernos Hispanoamericanos* passou por várias fases, mas nos deteremos apenas na primeira que, embora tenha sido apresentada como fruto de um projeto cultural, foi, na verdade, idealizada com propósitos políticos.

Nessa primeira fase, os responsáveis pela revista buscavam exaltar o que era comum entre os países que compunham o mundo hispânico, para justificar uma união política. Com isso, procuraram mostrar que esses dois lados se complementavam. Nesse sentido, afirmavam:

Um perigo hoje ameaça os europeus, além de consumirem-se na miséria ou na nostalgia: pensar que a América, a grande e jovem América, só é capaz de oferecer à história, sua técnica, suas matérias-primas e certo brio adolescente. Um perigo ameaça os americanos (...): crer que a Europa, a estreita e velha Europa, não é mais que uma Bizâncio exausta, um continente que vive se diluindo miseravelmente em suas próprias tradições. (...)

¹⁰ O pensamento de Laín Entralgo pode ser resumido da seguinte forma: crítica à Europa; afirmação da Espanha católica e defesa do Estado totalitário como meio para solução dos problemas na Europa. Ele participou da equipe ministerial de Franco ocupando um cargo ligado ao Serviço Nacional de propaganda. Ver: CAPELATO, 2005

Nada mais urgente que abandonar ambas as atitudes. Em primeiro lugar, porque uma e outra são manifestações de um ressentimento oculto: o do europeu, frente à força e alegria da América; o do americano, frente à complexidade e sutileza da Europa. Em segundo lugar, porque essa visão da história posterior ao ano de 1492 é grosseiramente errônea. Desde o ponto de vista disso que chamamos “cultura”, a América tem sido uma ampliação da Europa. (LAÍN ENTRALGO, 1948, p. 193)

O segundo número de *Cuadernos Hispanoamericanos* apresenta no editorial o tema do distanciamento entre a Europa e a América como fruto de desconhecimento que trazia prejuízos para ambas as partes, insistindo na necessidade de aproximação entre esses dois mundos, capazes de promover muitas trocas culturais.

A tentativa de interferência na vida cultural e intelectual latino-americana foi explicitada no artigo *Vieja Europa Joven América*, de autoria do fundador e editor da revista — Pedro Laín Entralgo. Nesse texto, o editor definiu as pretensões da nova publicação:

1 – Criar uma consciência histórica unitária entre os países hispano-americanos. Como partes essenciais dessa consciência estariam a língua, a fé, o templo ético e a afirmação da personalidade.

2 – Mobilizar os hispânicos a expressar tal consciência em ideias, palavras, obras visíveis e uma forma de vida válida para todos os homens. (LAÍN ENTRALGO, 1948).

O reconhecimento de uma identidade hispânica era uma das maiores preocupações da revista, tanto que alguns artigos fazem da busca desse (re)conhecimento sua matéria principal. Antonio Montarcé Lastra, no artigo *El Fondo Español de lo Gauchesco* (1948), procura na história a legitimação para tal identidade.

O homem é, assim, um sujeito que existe em função da comunidade histórica a que pertence, circunstância que se deve ter especialmente em conta ao iniciar um ensaio sobre a vida do gaúcho (...). O habitante do pampa, precursor da nação crioula, nasceu na conquista e se desenvolveu e adquiriu personalidade no curso de três séculos de uma colonização, que não era vassalagem. (MONTARCÉ LASTRA, 1948, p. 44)

O antepassado espanhol é bastante citado como elemento básico constitutivo na formação da Hispano-américa, e o orgulho dessa história, sobremaneira destacado. É o caso do artigo do chileno Osvaldo Lira *Hispanidad y Mestizaje* (1949), em que defende a valorização do espanhol na formação da América:

Devemos guardar fé e respeito por nossos antepassados; por isso, devemos proclamar uma e outra vez que foi a Espanha quem fez nossas nações e quem quer que pretenda, sem ser espanhol, sem haver estado a serviço da Espanha ou sem haver contribuído para o processo histórico de três séculos que nos engendrou e nos fez chegar à maioria, será necessariamente um falsário. (LIRA, 1949, p 286)

Observamos que a Espanha é representada como a grande pátria mãe e, como tal, merece o respeito. De acordo com o autor, ela, e nenhuma outra, foi responsável pela criação das nações hispano-americanas. Mesmo que tenha havido imigrações, como na Argentina, a formação principal da nação deve-se à nação ibérica.

Não eram apenas intelectuais espanhóis os colaboradores da revista. Ela também recebia artigos de outros países que estivessem em sintonia com sua visão de *hispanidad*. No segundo número da revista, Honório Delgado¹¹ contribuiu com o artigo *Fundamentos Ontológicos de Nuestra Unidad Cultural*, em que exalta os elementos que unem os dois lados do Atlântico, como a raça, a língua e a religião:

Nossa adesão ao hispanismo não obedece a nenhum indício de parcialidade. Ao contrário. É mostra de uma profunda aspiração às origens da universalidade bem entendida na busca de sustento genuíno para conseguir, por esforço próprio e com nosso ser peculiar, uma concepção clara, orgânica e integral da vida (...). (DELGADO, 1948, p. 199)

Hispanismo e hispanidad como “ideias-forças” das revistas

A divisão da direção da revista *Cuadernos Americanos* entre espanhóis republicanos exilados e mexicanos forçou uma reflexão por parte desses dois grupos sobre os pontos comuns existentes entre eles. A análise da identidade deveria, por outro lado, trazer uma diferenciação entre o regime comandado por Franco e o de seus aliados.

Os espanhóis exilados, desde o primeiro número, marcariam suas divergências quanto à concepção das relações ibero-americanas com seus compatriotas peninsulares. Joaquín Xirau¹², no artigo *Humanismo Español* (*Cuadernos Americanos*, n. 1, 1942),

¹¹ Filósofo, educador, linguista, biólogo e psiquiatra peruano.

¹² Filósofo espanhol. Estudou na Universidade de Barcelona e recebeu influência de seu professor Manuel Bartolomé Cossío, em Madri, de García Morente e de Ortega y Gasset. Foi professor de filosofia nas

menciona um espírito comum a todas as nações hispânicas. Segundo o autor, seria justamente por meio desse espírito humanista espanhol que os hispânicos conseguiriam falar em um momento tão delicado ao mundo. Cita Cervantes, Unamuno, Luis Vives, Valdés, Conde de Aranda e os libertadores das nações hispânicas americanas como representantes desse espírito humanista.

Para Joaquín Xirau, o humanismo espanhol — verdadeiro espírito do povo hispânico — só tem sentido se se viver em liberdade. Para ele, nessa comunidade do espírito, têm lutado por sua independência e por sua dignidade “as Espanhas peninsulares e todas as nações do nosso mundo americano. (...) Só em liberdade e em espírito, é possível uma autêntica comunidade”. (XIRAU, 1942, p. 153).

Partindo de pressupostos como a liberdade, a independência e a dignidade é que a comunidade “hispânica” seria possível. A “outra” Espanha, a de Franco, não poderia fazer parte dessa comunidade, constituindo, aliás, por ser contrária à liberdade, o principal elemento desagregador que ofereceria obstáculos ao livre desenvolvimento do espírito das nações americanas.

O próprio espírito republicano, caro aos libertadores americanos, estaria em desacordo com o arcabouço mental e ideológico da Espanha franquista, defensora da monarquia católica.

Ainda nessa linha da separação entre as perspectivas de uma comunidade hispânica entre os espanhóis de Franco e os da República foi, no terceiro volume do ano de 1942 da revista *Cuadernos Americanos*, que o espanhol Francisco Carmona Nenclares escreveu um artigo conceituando os termos *hispanismo* e *hispanidad*. Tal diferenciação era fundamental para a identificação das filiações políticas presentes nas práticas culturais que circulavam no mundo ibero-americano.

A princípio, os dois termos parecerem ter seus significados dominados por quem os emprega. No entanto, percebemos, em vários textos, autores tomarem *hispanismo* por *hispanidad*, sem atentar para o significado específico do termo no momento aqui estudado.

Diante dessa utilização equivocada, Francisco Carmona Nenclares retoma uma pesquisa realizada pela *Revista de las Españas*, órgão da União Ibero-americana no ano

universidades de Barcelona, Salamanca e Zaragoza. Pertencia ao grupo chamado "Escola de Barcelona". Após a guerra civil, foi para o exílio e lecionou na Universidade Nacional do México.

de 1929, sobre o conceito de *hispanismo*. Para ele, o termo *hispanismo* especificava um conjunto de fenômenos político-sociais derivados da presença da Espanha na América.

O resultado da pesquisa, segundo Carmona Nenclares, trouxe como unanimidade a seguinte definição: “seria *hispanismo* aquilo que desde o ponto de vista material ou ético contribuísse para que os países ibero-americanos alcançassem o limite máximo do seu nível histórico próprio”.

Para ele, *hispanismo* seria, portanto, um vocábulo comparável a *romanismo*:

Ibéria, província romana, foi uma das províncias do ocidente latino que absorveram imediatamente, ao menos em sua margem mediterrânea, os elementos românicos (direito de cidadania, administração e exército, fundação de cidades e regime municipal, religião e língua). (...). A Espanha adquiriu, graças à romanização, consciência de sua personalidade. Tornou-se ser histórico. Sêneca representa, por isso, a primeira presença concreta e individualizada da alma ibérica. (...)

Tal é o sistema de ideias que deve articular-se para se entender o sentido de *hispanismo*. O que a Espanha recebeu de Roma — incluindo o cristianismo —, o transmitiu ao Novo Mundo. (CARMONA NENCLARES, 1942, p. 45)

Na base das relações Espanha-América, estaria a absorção, por parte dos americanos, das instituições, língua e religião espanholas. Essa absorção teria possibilitado que, no Novo Mundo, uma consciência histórica própria ganhasse força e impulsionasse o surgimento de novas nações.

Carmona Nenclares afirma ainda que as independências realizadas pelos crioulos são parte essencial do *hispanismo*, compreendido como um processo de incorporação e, ao mesmo tempo, de divergência aos valores “hispanicos” que acabaram fornecendo as armas contra a dominação espanhola.

Porém, na sua conceituação sobre *hispanismo*, o autor não traça qualquer referência aos valores ou elementos culturais que os espanhóis adquiriram dos americanos durante o processo de dominação e depois dele. Portanto, podemos concluir que *hispanismo*, na visão de Carmona Nenclares, refere-se apenas aos elementos trazidos da Espanha para a América e que, aqui, encontraram recepção.

Já o outro termo, *hispanidad*, estaria ligado ao franquismo e a uma maneira conservadora de conceber as relações entre a América e a Espanha:

(...) indagaremos o conteúdo ideológico e moral da *hispanidad*. Definida pelo documento que criou sua significação atual (decreto da Gaceta Oficial, de Madrid, instaurando o Consejo de la Hispanidad), seria a reivindicação de

Ibero-américa para Espanha. Porém, não para qualquer Espanha, senão para a Espanha teocrática, falangista, triunfadora da guerra civil. Reivindicação espiritual, em princípio; reivindicação material enquanto os fatores internacionais sejam propícios. A Espanha se autodeclara Império e reclama seu ex-Império. A hispanidad representa, pelo menos, um retrocesso à situação anterior a 1800. Nada menos. O fascismo ibérico aspira suprimir o tempo. (CARMONA NENCLARES, 1942, p. 51)

Hispanidad representa, pois, a forma como os elementos reacionários espanhóis concebem as relações entre os países ibero-americanos e a Espanha. Para esses reacionários, a Espanha simboliza a grande líder espiritual, numa posição hierárquica superior dentro da comunidade hispânica.

Podemos perceber o artigo de Carmona Nenclares como uma resposta a uma política para a América realizada pelo governo franquista, da qual o Consejo de la Hispanidad, criado em 1940, fazia parte.

Para Reinhart Koselleck, é necessário compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos próprios contemporâneos. (2011, p. 103)

Ao diferenciar *hispanismo* e *hispanidad*, Francisco Carmona Nenclares está reclamando a herança dos supostos valores “superiores” que os espanhóis teriam dado ao Novo Mundo. Esses valores que, segundo ele, seriam os de justiça, liberdade e democracia, estariam relacionados à República derrotada pela Guerra Civil Espanhola. Assim, os verdadeiros representantes da herança espanhola na América seriam os transterrados, e não os partidários de Franco. As ações decorrentes da *hispanidad* — como as criadas pelo Consejo de Hispanidad e, depois, pelo Instituto de Cultura Hispânica — estariam marcadas por um verdadeiro engano, já que não poderiam ser consideradas autênticas herdeiras do genuíno espírito espanhol.

Raúl Morodo assinala Miguel Unamuno como o primeiro intelectual a ter usado o termo *hispanidad* dentro de um conceito histórico-geográfico de Hispania. No entanto, o mito da *hispanidad*, com o sentido que o caracterizaria como o ideal hispânico, da raça hispânica e do cavaleiro cristão, foi sistematizado por Ramiro de Maeztu em seus artigos publicados na revista *Acción Española*, e, posteriormente, reunidos no livro *Defensa de la Hispanidad* cuja primeira edição é de 1934.

Em *Cuadernos Hispanoamericanos*, a defesa da *hispanidad* é constante. O número 50 da revista, de fevereiro de 1954, traz uma análise das revistas espanholas da

época e do papel que cumprem na sociedade espanhola. Destaca-se a existência de duas espécies de revistas: as que tratam de satisfazer uma corrente de curiosidade pré-existente e as que, com maior ambição, aspiram operar sobre o corpo social introjetando ideias que considerem mais ricas ou corretas.

A revista *Cuadernos Hispanoamericanos* foi classificada nesse segundo tipo. A publicação espanhola cuja pretensão seria integrar todo o mundo hispânico é considerada importante veículo na divulgação da *hispanidad*, sobretudo, por sua capacidade de levar à Hispano-américa:

- 1º - o pensamento espanhol de todos os tempos;
- 2º - o pensamento europeu, interpretado por uma consciência hispânica e
- 3º - o pensamento hispano-americano, difundido assim entre todos os países que compõem o mundo hispânico.¹³

Não podemos deixar de ressaltar que a política de *hispanidad*, dirigida para facilitar o entendimento com os países ibero-americanos, se converteu, desde o final da II Guerra Mundial, em um dos elementos primordiais utilizados pela diplomacia franquista. (DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, 1988, p. 111)

Laín Entralgo, por diversas vezes, se refere à *hispanidad* para justificar a política de aproximação pretendida pela Espanha através de *Cuadernos Hispanoamericanos*. É interessante observar a participação de ibero-americanos na defesa do mito da *hispanidad*. No número 7, de janeiro-fevereiro de 1949, divulgou-se a palestra intitulada *Estirpe de La Hispanidad*, proferida pelo catedrático da Universidade Mayor de San Marcos (em Lima), dr. José Barco Peña, na Universidade Central de Madrid. Nessa palestra, o professor peruano traçou um programa a ser divulgado nos países ibero-americanos para que a *hispanidad* não fosse mero conteúdo declamatório. Fazia parte desse programa o ensino adequado da História, tanto da Espanha quanto da Conquista, em todos os centros docentes americanos, para que, através de todos os meios, o conteúdo chegasse às grandes massas. Além disso, previa também o estímulo de um intercâmbio (não só comercial e material, mas também ideológico), de forma a estabelecer uma verdadeira corrente intelectual.

Outro exemplo de defesa da *hispanidad* foi a declaração de Don Ramón Beteta, então secretário da Fazenda do governo do presidente mexicano Miguel Alemán Valdés,

¹³ *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 50, p. 276-278, feb. 1954.

transcrita sob o título *Última hora de la Hispanidad*, na seção asteriscos do número 17 de 1950. Segundo a revista, Ramón Beteta teria declarado que “a Espanha nos ensinou a amar a Jesus Cristo. (...) Nos trouxe uma religião que fala de paz entre os homens e da regra de ouro que ordena não fazer aos demais o que não queremos para nós”.

Essa declaração foi usada pela revista para destacar que havia mudanças em curso no México e que as posições tão contrárias à Espanha de Franco já enfraqueciam, de modo que já era possível detectar o reconhecimento de setores da sociedade mexicana à contribuição positiva dada pela Espanha.

O espírito da *hispanidad* também era considerado um forte aliado na luta contra o avanço comunista. O professor da Universidade de Granada, F. Gil Y Tovar, no artigo *Hispanoamérica ante el comunismo*, faz um balanço da situação dos partidos comunistas ibero-americanos e da importância da comunidade hispânica para evitar sua expansão:

São pois hoje os povos da hispanidad — e apesar da fertilidade de seu solo para a sombra do comunismo — os que menos comunistas contam. Às declarações de ilegalidade já velhas em Portugal e na Espanha se têm somado as da Nicarágua, Santo Domingo, Brasil, Costa Rica, Chile, Colômbia e Peru. (GIL Y TOVAR, 1950, p. 287)

(...) Tem que decidir-se pela integração, se se quer evitar a desintegração; a manutenção das forças do espírito, se se quer lutar contra o materialismo; e tem que ir à comunidade para não se deixar derrotar pelo comunismo (GIL Y TOVAR, 1950, p. 293).

O ideal da *hispanidad* seria, assim, um antídoto contra o perigo comunista que rondava os países ibero-americanos. Vemos também que o autor chama a atenção para a necessidade de integração dos povos contra o perigo vermelho. O governo franquista tinha aí uma ferramenta para tentar sair do isolacionismo ao qual o final da guerra o havia lançado, principalmente levando em consideração um mundo polarizado entre o perigo comunista, de um lado, e o imperialismo capitalista, de outro. A defesa das nações hispânicas, para não serem subjugadas, estava em agir de forma integrada como uma comunidade.

A política externa do regime franquista deu resultados e, em 1953, a Espanha foi aceita na UNESCO, primeiro passo para ser aceita na ONU, o que aconteceria em 1955. Na revista *Cuadernos Americanos*, o espanhol Mariano Ruíz-Funes ressaltou a importância dos votos dos países hispano-americanos para esse ingresso, ao mesmo

tempo que denunciou o estímulo que o governo de Franco proporcionava para as ditaduras na Ibero-américa:

Seria injusto esquecer os votos da América Espanhola. O caudilho é o arquiteto imperial da hispanidad. A hispanidad é um instrumento de guerra. Ela é composta por vários anti, entre eles o antidemocracia e o antiliberalismo.

A hispanidad foi o pretexto de uma penetração imperialista na América Hispânica, para efeitos de dominação, não diálogo. O projeto não falhou. A Espanha, que exportou espírito para este continente, agora exporta falangismo. O medo derrotou a liberdade (...). Os regimes de opressão, que estão ganhando os países das Américas, devem muito ao regime de Franco. Sua inspiração pesou nos votos da Unesco, por uma atitude de agradecimento. (...). A Espanha falangista entrou por direito de conquista. (RUÍZ-FUNES, 1953, p. 89)

Na avaliação de Mariano Ruíz-Funes, a *hispanidad* arquitetada pela falange espanhola conseguiu penetrar na América; com isso obteve os votos necessários para sua entrada na UNESCO e ainda contribuiu para a derrocada dos regimes democráticos no continente. A luta não era, então, apenas contra o regime de Franco, a luta era maior. A falange penetrara na UNESCO e tinha feito governos nos países hispano-americanos.

Com o ingresso da Espanha na ONU o objetivo maior da criação de *Cuadernos Hispanoamericanos* havia sido alcançado, que era superar o isolacionismo espanhol. A revista passava, então, a ter outros objetivos, como a luta contra o comunismo e a sua aliança com as potências ocidentais.

A revista *Cuadernos Americanos* também sofreu alterações a partir de 1955. Sua pauta começou a abordar os golpes militares, as intervenções estrangeiras na Ibero-América, as mudanças nos campos da cultura, da ciência, da economia e da política. Leopoldo Zea afirmou que o conteúdo da revista foi mudando com o tempo e com a história do mundo. Dentre tantas mudanças, a única permanência foi o nome da revista, bem como a sua preocupação com os problemas da terra e da região da América Latina. (ZEA, p.14, 1992)

BIBLIOGRAFIA

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo, intelectuais e identidade nacional na Argentina. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 8., 2008, Vitória.

Anais eletrônicos... Vitória: ANPHLAC, 2008. Disponível em <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro08/jose_luis_bendicho_beired.pdf >

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Ideias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

_____. Revistas Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos como armas de luta política. In: CONGRESSO DE AMERICANISTAS, Sevilha, julho de 2006. Mimeografado.

CARMONA NENCLARES, F. Hispanismo e Hispanidad. *Cuadernos Americanos*, México D. C., n. 3, p. 43-55, mayo-jun. 1942.

DELGADO, Honorio. Fundamentos ontológicos de nuestra unidad cultural. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 2, p. 199-213, marzo-abr. 1948.

DELGADO GOMEZ-ESCALONILLA, L. *Diplomacia franquista y política cultural hacia iberoamerica 1939-1953*. Madrid: C.S.I.C; Centro de Estudios Históricos, 1988.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Buenos Aires: Biblos; Centro de investigaciones Diego Barros Arana, 2001.

GAOS, J. Localización Histórica del pensamiento hispanoamericano. (Notas para una interpretación histórico-filosófica). *Cuadernos Americanos*, México D. C., n. 4, p. 63-86, jul-ago 1942.

_____. Los “transterrados” españoles de la filosofía en México. *Filosofía y Letras. Revista de la Universidad de México*, n. 36, oct.-dic., 1949.

GIL Y TOVAR, F. Hispanoamérica ante el comunismo. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 14, p. 279-327, 1950.

GONZÁLEZ NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*, México D. C., v. 1, n. 127, p. 11-30, 2009.

KING, John. Sur estudio de la revista argentina y de su papel. In: *El desarrollo de una cultura 1931-1970*. México D. C.: Fondo de Cultura Económica, 1989.

KOSELLECK, R. *Futuro Passado — contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editorial; Editora PUC-Rio, 2011.

LAÍN ENTRALGO, P. Vieja Europa, Joven América. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 2, p. 193, marzo/abr. 1948.

LEÓN-PORTILLA, Ascensión Hernández de. España y lo español en Cuadernos Americanos. *Cuadernos Americanos*, México D. C., v. 3, n. 51, mayo-jun. 1995.

- LIRA, Osvaldo. Hispanidad y Mestizaje. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 8, p. 279-286, marzo-abr. 1949.
- MONTARCÉ LASTRA, Antonio. El Fondo Español de lo Gauchesco. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 4, p. 43-71, jul.-agosto 1948.
- MORODO, R. *Las orígenes ideológicos del franquismo: Acción Española*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- PATIÑO, Roxana. América Latina Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria; MARQUES, Reinaldo (Orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- PEREZ MONFORT, Ricardo. *Hispanismo y Falange*. Los sueños imperiales de la derecha española. México D.C.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- RUIZ-FUNES, M. Falange en la Unesco. *Cuadernos Americanos*, México D. C., n. 1, p. 86-90, enero-feb. 1953.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *Les discours culturel dans les revues latino-américaines de 1940 à 1970. América, Cahiers du CRICCAL*. Paris, n. 9-10, p. 9-16, 1992.
- SILVA HERZOG, Jesús. Lo Humano, problema esencial. *Cuadernos Americanos*, México D. C., n. 1, enero-feb. 1982.
- XIRAU, Joaquín. Humanismo Español. *Cuadernos Americanos*, México D. C., n.1, p. 132-154, enero-feb. 1942.
- ZEA, L. Cuadernos Americanos cincuenta años después. *Cuadernos Americanos - nueva época*, México D. C., n. 31, p. 11-15, enero-feb. 1992.
- _____. El otro encuentro. *Cuadernos Americanos*, México D. C., n. 32, p. 253-255, marzo-abr. 1992.